

Conclusão

No momento de encerrar o exercício reflexivo que nos ocupou por algumas dezenas de páginas, conclui-se que o ganho conquistado por este trabalho consiste em ter promovido um debate produtivo acerca dos limites impostos pelas idéias de nação e tradição, tanto quando estas são tomadas como categorias analíticas quanto quando se revertem em ideologia política.

Por termos partido de uma proposta de desconstrução conceitual e nos movido por um desejo de reavaliação política, foi necessário pôr em questão a inflexibilidade dos discursos que apregoam a conservação das tradições musicais populares em seus moldes originais e a conseqüente manutenção da integridade cultural da nação. No interior destas falas, o samba incorporou a missão de afirmar a cultura nacional perante a suposta ameaça de corrupção apresentada pela influência estrangeira. As possibilidades sincréticas desta música foram reduzidas aos elementos tidos como “nacionais” e “populares”, categorias que orientam o tipo de pensamento posto em cheque pelos atuais estudos de cultura.

No decorrer da construção dos argumentos, fomos constantemente interpelados pela presença marcante da nação no imaginário comum, pela estabilidade resistente de determinada idéia de povo e por sua importância operacional no discurso da tradição. Para boa parte dos autores e dos atores abordados nesta tese, a realidade das experiências tradicionais é um dado, concreto e atuante. Por outro lado, lidamos com uma vasta produção acadêmica que garante – com bastante propriedade e com a autoridade concedida a este gênero de reflexão – que a integridade e a “pureza” das tradições populares é um fenômeno superado. Em muitos momentos tornou-se difícil vislumbrar brechas para um diálogo real entre as duas instâncias. Talvez as ambigüidades que envolvem nosso objeto devessem ser mais bem investigadas. Quem sabe esse estudo careça de uma espécie de “etnografia” que indague sobre as razões da sedução que tais referenciais costumam exercer sobre

o grosso da população e sobre uma vertente influente de críticos de cultura. Arriscamos algumas explicações iniciais: as tradições nacionais localizam os indivíduos e lhes fornecem referências confiáveis. Ao mesmo tempo, o apelo popular da noção comum de brasilidade mobiliza o mercado e interfere na formulação de políticas públicas.

Neste caso, um conhecimento teórico denso ou a consciência das atuais condições de produção e de difusão cultural não repercutem necessariamente em uma atuação política adequada. Como vimos, os programas oficiais de cultura mobilizam estudos recentes e adotam conceitos e noções coincidentes com os empregados nas últimas investigações acadêmicas. Mais uma vez torna-se evidente a ligação problemática entre pensamento e prática política, por isso devemos reconhecer que nossa pesquisa se limitou a identificar as arbitrariedades contidas no discurso da tradição e a descrever o ciclo vicioso fundado por este mesmo discurso.

Ao tratar de questões relativas à configuração cultural da contemporaneidade, nos arriscamos a versar sobre o que é precário e instável. Os produtos deste esforço foram textos erráticos, com temas que se entrelaçam e se repetem, e que acabaram desenhando um movimento reflexivo irregular. Estes são alguns dos riscos que se corre ao optar por atravessar campos tão amplos. Ao mesmo tempo, lucrámos com a compreensão de que a eficácia dos apontamentos acerca das novas formas de cultura depende quase sempre de análises específicas e bem contextualizadas.

Cuidamos para que ficasse explícita, no decorrer desta tese, nossa opção pela corrente crítica que busca acentuar a complexidade das formações culturais e romper os reducionismos das análises dicotômicas. Com isto, não pretendemos negar o valor combativo dos confrontos radicais entre os diferentes modos de conceber e de gerir a cultura, nem ignorar a função política deste tipo de embate. Ainda é possível observar que o pensamento que se expõe por contrastes tem o poder de desvelar as contradições sociais e de mobilizar opiniões em torno do combate às hierarquias. A denúncia das assimetrias ainda atuantes nas modernas redes de troca simbólica e a censura à persistência dos países economicamente dominantes como centrais produtoras de sentido são alguns dos pontos onde os embates se dão de maneira mais fecunda.

Muitas vezes, sob o pretexto de complexificar as análises socioculturais, as construções acadêmicas levam o relativismo ao extremo da neutralização política. Mesmo entendendo que a abordagem dos novos modos de interação cultural não deve ser encerrada por uma lógica polarizante, não se pode deixar de salientar que muitas das formas usuais de desigualdade têm sido acentuadas pelo capitalismo global. É inegável que no decorrer do processo de globalização econômica as contradições entre o Primeiro e o Terceiro Mundo se exacerbaram, e que foi no interior desta “interdependência assimétrica” (Canclini, 2005) que as questões que nos ocuparam foram forjadas. No entanto, é também fundamental compreender que a nação sempre se caracterizou como um lugar de harmonização de conflitos, e que o empenho de unificação cultural ostentado pelo Estado brasileiro consistiu em privilegiar determinadas formas culturais e em obliterar as demais.

O samba foi, sem dúvida, uma das manifestações privilegiadas pelo projeto estatal de cultura. No entanto, ao tomá-lo como núcleo de um estudo sobre a diluição dos contornos nacionais, nossa intenção foi deslocar o enfoque analítico que geralmente o confina em fronteiras simbólicas estreitas. Visto como resultado de trocas culturais intensas, o samba pode colaborar para a descentralização da própria crítica de cultura. Reforçamos aqui nossa crença no potencial questionador das culturas negras e em sua importância como agente de reformulação teórica. A abordagem do samba como expressão musical transatlântica também nos possibilitou identificar os limites das leituras ortodoxas e apontar para superação dos seus códigos.

Se o Estado-nação já não é concebido em sua homogeneidade, e se a produção de bens culturais já não está ligada a um único país, a vantagem é que temos a opção de pensar a partir das margens, e de adotarmos as fronteiras como lugar da ruptura epistemológica. Quando a busca das origens e a defesa da autenticidade deixam de ser as questões centrais da crítica de música popular, é possível, também, apreender o samba em sua condição moderna e, com isto, identificar as marcas da dominação e as estratégias de sobrevivência. Ao retirar o samba do isolamento simbólico em que se encontram as “tradições populares auto-referenciadas”, conseguimos vislumbrar em sua história os conflitos e as negociações que se encenam no contexto das

sociedades de massas. Por isso nos parece interessante a complexidade da música como interpretação artística da realidade. A linguagem musical popular muitas vezes pode ser apreendida como um modo peculiar de reflexão sobre a cultura na qual ela está inserida. Neste caso, os diferentes formatos assumidos pelo samba se apresentam como diálogos com a cultura hegemônica ou como rasuras em sua regularidade narrativa.

Com frequência a cultura da diáspora africana é associada à questão do ritmo, componente que cumpre uma função estética e cognitiva fundamental em sua configuração. No entanto, como nos alerta Erik Davis (s/d), o ritmo na sonoridade negra é essencialmente múltiplo, e não pode ser tomado como um elemento unificador. Assim, toda tentativa de acomodar a polirritmia negra em um sistema simbólico fechado incorre em arbitrariedade. Como acontece no discurso da coerência nacional e da integridade da origem, as variações se fundem em unidade harmônica e remetem a uma raiz única e primordial.

A idéia de trânsito está no cerne da nova forma de entender as manifestações da música negra moderna, o que invalida o rastreamento das sobrevivências tradicionais e a busca da linhagem original. Foi neste sentido de deslocamento que a tecnologia foi absorvida pelos artistas da diáspora, como instrumento de mediação simbólica e veículo de afirmação cultural. Transitando do universo da improvisação para o formato impresso ou gravado, o samba também ganhou mobilidade e poder de intervenção, além, é claro, de se transformar em artigo comercializável.

Uma expressão cultural pode fazer-se mercadoria quando inserida no universo da cultura industrial e envolvida em seus processos de significação. Em toda forma de cultura os processos se materializam em produtos, e, em se tratando da cultura moderna e ocidental, se acontece da música popular poder ser tomada como objeto de compra e venda, isso corresponde a uma realidade histórica específica.

Não é possível retirar o samba da história de modernização social e cultural construída no Brasil. A partir do momento em que assumimos que a cultura tem um significado relativo e contextual, entendemos que a noção de cultura de massas define, no interior dos aglomerados simbólicos, a complexidade da experiência fundada na modernidade industrial. E quando reivindicamos que a crítica de música e

os formuladores de políticas públicas apreendam a trajetória do samba a partir deste contexto, não estamos solicitando que se rendam aos preceitos da indústria e do mercado, mas que considerem o sistema de condicionamentos que eles fundam. Só assim será possível agir em diálogo crítico com as circunstâncias sociais e intervir produtivamente sobre elas.

Além das características estéticas, dos elementos simbólicos e do universo social compartilhado pelos artistas, o perfil do público consumidor e dos espaços de divulgação e o tipo de relação travada com o mercado de música também fazem parte da consolidação do samba como gênero “tradicional”. Se a tradição se manifesta como “fenômeno de longa duração”, no caso do samba e de sua história recente (urbana e moderna), os artistas se aliam ao Estado e ao mercado para traçar genealogias e atribuir legitimidade à idéia de “samba de raiz”. Reuniram argumentos para defender sua pureza e autenticidade e criaram mitos de fundação que remontam a uma origem remota.

Temos aqui um exemplo preciso da atuação da indústria e do mercado como agentes de produção cultural. Baseados nisso, não podemos deixar de insistir na inclusão das novas formas de produção e circulação de música e da organização industrial da cultura entre os tópicos do debate acadêmico. Tal apreciação tem impellido as pesquisas sobre a dinâmica cultural das sociedades periféricas para além da abordagem das formas tradicionais. Do mesmo modo, tem movimentado os estudos de cultura que se ocupam das redes transnacionais de circulação simbólica. Diferente do relativismo despolitizado e da celebração superficial da diversidade empreendida nos discursos liberais, as teorias críticas contemporâneas fazem dos debates sobre as indústrias culturais e as culturas populares uma arena de disputas e confrontos entre posições, interesses e perspectivas diversas. Espaço de manifestação das contra-hegemonias, onde as margens tornam-se o centro das discussões e a razão epistemológica é desestabilizada por enunciações interventoras, parciais e comprometidas.

No interior destes embates, as macronarrativas totalizadoras perdem sua validade como teoria social, já que adoção dos recortes da nação e da tradição como referências analíticas não dá conta de abarcar as relações culturais da forma como

estas se configuram hoje em dia. O mesmo pode ser dito quanto à sua atuação no estabelecimento de políticas públicas na área de cultura. Os projetos que pressupõem a existência de identidades fixas e que têm como fim a afirmação destas mesmas identidades, malogram ao se depararem com representações desterritorializadas. Mais produtivo seria reconhecer as interseções como lugares privilegiados de enunciação, para, a partir daí, deslocar os eixos de análise e redirecionar as formas de intervenção. Por isso reivindicamos a abolição das restrições de origem e autenticidade e apontamos para os circuitos e meios massivos como espaços públicos a serem democratizados por essas mesmas políticas.

De acordo com Canclini (Idem), o esforço de compreensão da dinâmica de uma determinada sociedade e a investigação da sua rede simbólica devem estar associados a projetos de intervenção. Só desta forma a dimensão utópica das formulações teóricas pode ser recuperada. Ou seja, somente quando nossas reflexões nos fazem vislumbrar possibilidades de ação concreta é que conseguimos subverter a função das ideologias, opondo o reconhecimento da pluralidade à reprodução das desigualdades.